Nº 505
De 23 de setembro a 6 de outubro de 2015
Ano 18

R$2 | (11) 9.4101-1917 | PSTU Nacional | www.pstu.org.br | @pstu16 | Portal do PSTU

TRABALHADORES ENTRAM EM CAMPO

MARCHA REÚNE 15 MIL

“Basta de Dilma, chega de Aécio, chega de Cunha e desse Congresso”, entoaram trabalhadores e trabalhadoras na Av. Paulista no dia 18 de setembro

Foto: Romerito Pontes

páginadois

CHARGE

Falou Besteira

"Índio já consegue ser veado, boiola, e não consegue trabalhar e produzir direito?"

FERNANDO FURTADO, deputado estadual do PCdoB do Maranhão durante pronunciamento em evento da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O alvo do deputado eram os awá-guajá.

CAÇA-PALAVRAS

Capitais brasileiras

J	T	D	J	Q	Z	Q	Ò	Á	X	Ü	H	Ú	O	Ô
J	F	T	Í	B	À	T	Q	F	F	R	Â	K	T	É
U	C	Y	Ü	O	A	G	D	L	O	X	W	Ç	Ú	Õ
Q	V	I	Ô	A	Ü	N	Ò	O	R	V	Ê	G	S	Ú
Ü	T	Ü	R	V	Ê	Ò	Ú	R	T	I	N	U	R	Â
W	À	B	E	I	C	X	U	I	A	T	U	R	L	Ó
D	Ã	L	C	S	N	A	T	A	L	O	Õ	I	Ü	Õ
C	U	R	I	T	I	B	A	N	E	R	Y	O	Ü	Ç
D	J	R	F	A	O	N	Ó	O	Z	I	Ü	B	B	À
B	E	L	E	M	I	S	H	P	A	A	A	R	B	Ê
E	O	J	D	S	Ú	T	Â	O	L	I	L	A	Õ	Í
F	X	Ó	L	D	K	Z	T	L	J	U	E	N	Ó	G
Â	S	Z	Ê	L	H	C	U	I	A	B	A	C	Õ	Q
T	H	Õ	Ç	N	X	X	É	S	G	R	Ê	O	L	O
L	A	Í	E	Ó	Z	A	Z	N	B	D	F	V	C	Í

RESPOSTA: Boa Vista, Curitiba, Rio Branco, Vitória, Cuiabá, Natal, Belém, Recife, Fortaleza, Florianópolis

Absolvido em alto estilo

Em Barra Mansa, no sul do Rio de Janeiro, Welington André Ferreira estava sendo acusado por dois policiais de *"ter se recusado a obedecer ordem dos PMs"*, como explica o depoimento dos policiais, *"no sentido de encostar na parede para ser revistado, e por tê-los desacatado ao dizer 'vão se foder, eu conheço meus direitos, vão tomar no cu, seus filhos da puta'"*. No julgamento, o juiz André Vaz Porto Silva não se convenceu com os depoimentos dos PMs. Segundo ele, o depoimento dos policiais apresentava inconsistências. *"Constato que a ordem emanada dos policiais – para que o acusado assentisse com sua revista pessoal – revestiu-se de duvidosa legalidade"*, escreveu o magistrado para depois completar: *"Regras corruptas não merecem obediência"*. Como se isso fosse pouco, o juiz escreveu na epígrafe do processo que absolveu o réu uma frase da banda de rap-metal americana Rage Against the Machine, conhecida por suas letras de protesto: *"Fuck you / I won't do what they tell me"* (*Foda-se, não vou fazer o que você manda*, em tradução livre).

Sempre presente!

Há um ano, no dia 16 de setembro, perdíamos nosso companheiro Dirceu Travesso. Mesmo depois de diagnosticado com câncer, não deixou, por um instante sequer, de dedicar sua vida à luta contra o capitalismo, contra toda injustiça e desigualdade. Em seus últimos anos de vida, dedicou-se a construir a unidade entre os trabalhadores do mundo inteiro. Doente e, muitas vezes, contra orientações médicas, viajou o mundo reunindo e organizando trabalhadores de diversos países. Que seu legado sirva a nós e às gerações futuras como exemplo de luta, abnegação e de nunca perder a esperança no futuro socialista. *"Didi viveu uma história de amor com o futuro. E os enamorados são teimosos, não se dobram, acreditam sempre. Não importa quão difícil seja a situação, sabem que ainda é possível"*, disse Valerio Arcary, um dos muitos amigos de Didi.

pelo ZapZap!

"Na edição 503, a notícia que a população, indignada com seus vereadores, reivindicou a redução do salário de seus representantes e ela foi conquistada, foi incrível. Parabéns ao povo de Mauá da Serra (PR). Vamos nos movimentar, Brasil!"
Leitor pelo WhatsApp

"Não vejo vocês falarem dos aposentados. Pego o jornal sempre não vejo vocês falarem da situação que nós estamos passando. Será que nós, velhos, não servimos para nada?"
Leitor WhatsApp

"Acabei de receber a edição 504 e já quis ler tudo, está simplesmente maravilhoso! Em especial a matéria da dívida pública. Parabéns, pessoal! "
Leitor pelo WhatsApp

"Sei que são muitas coisas pra cobrir, mas sempre que puder, falem sobre ciência e história. Nossa classe precisa se formar intelectualmente. Os bolcheviques faziam isso com a sua militância."
Orion, Macaé (RJ)

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 / Atividade Principal 91.92-8-00

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb 14.555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Raíza Rocha, Luciana Candido, Romerito Pontes

DIAGRAMAÇÃO Romerito Pontes e Victor "Bud"

IMPRESSÃO Gráfica Lance (11) 3856-1356

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**
Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta
(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista
São Paulo (SP) – CEP 01313-000

NOSSAS SEDES

NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua 13 de Maio, 75, Poço em frente ao Sesc) pstual.blogspot.com

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Sergipe, 407 - CEP. 68908-310. Bairro Pacoval. Tel: (96) 3224.3499

AMAZONAS

MANAUS - R. Manicoré, 34 - Cachoeirinha CEP 69065100

BAHIA

SALVADOR - Rua General Labatut, 98, primeiro andar. Bairro Barris pstubahia.blogspot.com

CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910 - Nova Vitória

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - Benfica. (85) 3044.0056

JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel. (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul. (61) 3226.1016 | brasilia@pstu.org.br

GOIÁS

GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt- 28, casa 02 - Setor Leste Universitário. (62) 3541.7753

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo. (98) 8812.6280/8888.6327 pstumaranhao.blogspot.com

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Rua Brasilândia, n. 581 Bairro Tiradentes (67) 3331.3075/9998.2916

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - Edifício Vera Cruz, R. dos Goitacazes 103, sala 2001. bh@pstu.org.br

BETIM - (31) 9986.9560

CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724

ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 188/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647

JUIZ DE FORA - Av. Rio Branco, 1310 (sobrado) - Centro. pstu16juizdefora@gmail.com

MARIANA - Rua Jequitibá nº41, Bairro Rosário. (31) 8837-0478 | pstumariana@gmail.

S. JOÃO DEL REI - Rua Dr Jorge Bolcherville, 117 A - Matosinhos. Tel (32) 88494097 pstusjdr@yahoo.com.br

UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629|

UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELÉM Centro - Travessa 9 de janeiro, n. 1800, bairro Cremação (entre Av. Gentil Bittencourt e Av. Conselheiro Furtado)

AUGUSTO MONTENEGRO - Rua Wb2, quadra 141, casa 41, bairro Cabanagem (entre rua Bragança e Rua Belém, atrás do Líder Independência)

ANANINDEUA / MARITUBA - Trav. We21, esquina com Av. Sn17. Conjunto Cidade Nova IV (ao lado da Auto Escola Metal)

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Apolônio Nobrega, 117. Bairro Castelo Branco (83) 241-2368.

PARANÁ

CURITIBA - Rua Ébano Pereira, 164, Sala 22, Edifício Santo Antônio Centro - CEP 80410-240

MARINGÁ - R. Taí, 597, Sala 11. Centro. Sarandi-PR (44) 9963-5770 | (44) 9856-5034

PERNAMBUCO

RECIFE -Rua do Príncipe, 106, Soledade, Recife-PE CEP 50050-410 www.pstupe.org.br

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421. pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180 - Lapa. (21) 2232.9458 rio.pstu.org.br

MADUREIRA - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDD Correios de Vaz Lobo.

CAMPOS - Av. 28 de Março, 612, Centro. www.camposrj.pstu.org.br

DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro.

NITERÓI - Av. Amaral Peixoto, 55 Sala 1001 - Centro.

NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151

NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira

NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546 - Centro

VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado. (24) 9.9864-7972 pstusulfluminense.blogspot.com

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - Rua Princesa Isabel, 749 Cidade Alta - Natal - RN 84 2020.1290 http://www.psturn.org.br/ pstupotiguar@gmail.com

SEDE NOVA NATAL - Av. dos Caboclinhos, 1068. Conjunto Nova Natal - Natal - RN

GABINETE VEREADORA AMANDA GURGEL - Câmara Municipal do Natal Rua Jundiaí, 546, Tirol, Natal (84) 3232.9430 / (84) 9916.3914 www.amandagurgel.com.br

MOSSORÓ - Rua Filgueira Filho, 52 Alto de São Manoel

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 Portinho, 243 (51) 3024.3486/3024.3409 pstugaucho.blogspot.com

GRAVATAÍ - Av. José Loureiro Silva, 1520, Sala 313 - Centro. (51)9364.2463

PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherm. (54) 9993.7180

SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722

SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831

CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579 pstu_criciuma@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO

CENTRO - R. Líbero Badaró, 336 2º andar. Centro. (11) 3313-5604 saopaulo@pstu.org.br

ZONA LESTE - Rua Henrique de Paula França, 136 - São Miguel. (11) 99150 3515. CEP 08010-080

ZONA SUL - R. Julio Verne, 28 - Santo Amaro. (11) 99850 0170

ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 98195 6893

BAURU - Rua 1º de Agosto, 4-47. Edifício Caravelas, 5º andar, Sala 503D. baurupstu@gmail.com

CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990. (19) 3201.5672

GUARULHOS - Cônego Valadão, 325, Gopoúva. (11) 4966.0484

RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos. (16) 3637.7242

SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58 - Centro. (11) 4339.7186 pstuabc.blogspot.com

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (17) 9.8145.2910 pstu.sjriopreto@gmail.com

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista. (12) 3941.2845

SUZANO - Rua Manoel de Azevedo, 162 Centro. (11)9.7188-5452 / (11) 4743-1365 suzno@pstu.org.br

SERGIPE

ARACAJU - Rua Propriá, 479 – Centro Tel. (79) 3251 3530 CEP: 49.010-020

Um bloco classista para lutar

Dilma (PT) vive uma crise sem tamanho. Sua fraqueza vem, em primeiro lugar, da ruptura massiva da classe trabalhadora e dos setores mais pobres com seu governo e com o PT. Esse fato é histórico e progressivo. A crise não está permitindo ao PT disfarçar sua preferência pelos capitalistas.

Dilma, Temer, Cunha, Renan, Aécio não são diferentes quando o assunto é jogar a conta da crise sobre os trabalhadores. Mas eles têm problemas para conduzir a crise política e econômica. Ela é tão profunda que a burguesia não consegue ver uma alternativa no horizonte. Para os patrões, o melhor seria que Dilma tivesse força para impor o ajuste fiscal, apoiando-se nas organizações e nos movimentos governistas que buscam impedir que os trabalhadores lutem.

Mas sua fraqueza é tanta que eles já pensam num plano B. Porém as alternativas deles são uma aventura. Temer, Cunha e Renan (todos do PMDB), que estão na linha sucessória no caso de um *impeachment*, têm popularidade baixíssima, 11% segundo o Ibope. Caso assumam, podem ser derrubados em seguida. Uma eleição só para presidente não garante que Aécio Neves (PSDB) seja eleito. Mesmo que fosse, poderia nem terminar o mandato, uma vez que enfrentaria a fúria do povo ao aplicar o mesmo ajuste que Dilma.

O novo pacote de Dilma contra os trabalhadores não resolve o déficit fiscal. Com a recessão, a diminuição de receita do governo atingiu R$ 112 bilhões, fazendo com que os cortes obtidos na primeira fase do ajuste fossem insuficientes. Por isso, tem um rombo de R$ 30 bilhões no Orçamento.

Mas ninguém diz que 90% do tal déficit fiscal vem da dívida pública, que cresce com os aumentos dos juros. Só nos últimos 12 meses, a elevação dos juros causou um crescimento de R$ 452 bilhões da dívida. Para dar essa dinheirama aos banqueiros, eles querem impor maiores e mais duros ataques a você.

Mas a classe trabalhadora tem força para botar toda essa corja para correr e fazer com que sejam os ricos que paguem pela crise. É preciso suspender o pagamento da dívida aos banqueiros.

A contradição é que, apesar de os trabalhadores e os setores populares terem rompido com o governo e estarem lutando muito, a maioria dos sindicatos e dos movimentos sociais seguem ligados ao governo ou à oposição burguesa. Assim, impedem uma ação unificada para derrotar o governo e a oposição do PSDB.

Por isso, foi tão importante a marcha do dia 18 de setembro e o Encontro Nacional de Lutadores e Lutadras, realizado em São Paulo no dia seguinte. Aí está sendo criada uma frente de lutas contra o governo e a oposição burguesa, contra o ajuste fiscal e para colocar a crise na conta do patrão.

OPINIÃO

PREVENIR PARA NÃO ABORTAR

Legalizar para não morrer

ANA PAGU, DA SECRETARIA DE MULHERES DO PSTU

O dia 28 de setembro, em toda a América Latina e no Caribe, é lembrado como o dia pela descriminalização e legalização do aborto. Esse é um tema polêmico. Muita gente se diz contra o aborto porque defende a vida. A Igreja católica e grande parte das igrejas evangélicas dizem que é pecado. A lei brasileira pune com cadeia quem aborta e não se enquadra nas exceções legais: vítimas de estupro, feto com deformação cerebral ou risco de morte para mãe.

Mas por que quase todo mundo conhece ou já ouviu falar de uma mulher que tenha abortado? É que as mulheres abortam todos os dias em nosso país. Os dados do Ministério da Saúde confirmam que, para cada duas mulheres que dão à luz um filho, uma aborta.

Pense numa mulher comum, entre 24 e 39 anos, casada, religiosa, com dois filhos, que ganha até cinco salários mínimos e é contraria ao aborto. Ela jamais faria um procedimento desse tipo? Não é verdade. A maioria das mulheres que aborta tem este perfil como aponta a pesquisa da PNA/UNB (2010). São mulheres da classe trabalhadora, jovens, negras. Algumas pagam com a própria vida ou ficam com sequelas por procedimentos mal feitos. Outras são presas pela polícia. Diferentemente das mulheres ricas, não podem pagar por clínicas clandestinas e fazerem o procedimento de forma segura. A proibição do aborto tem matado as mulheres trabalhadoras. É a quarta causa de morte materna no Brasil.

Defender a legalização do aborto significa defender o direito da mulher de decidir sobre o que fazer com seu próprio corpo. Não defendemos que todas tenham de abortar. Essa é uma decisão individual, baseada em crenças, culturas e convicções de cada um. Defendemos que o Estado assegure o direito de que quem quiser fazer. Hoje, quem decide é a lei e a Igreja. Queremos que seja a mulher.

Defendemos também uma ampla campanha de prevenção com educação sexual e distribuição de contraceptivos gratuitos e sem burocracia para evitar gravidez e abortos indesejados. Por isso, somos contra o Projeto de Lei 5069/2013, de autoria de Eduardo Cunha, que proíbe a distribuição da pílula do dia seguinte e o atendimento de saúde às mulheres vítimas de violência sexual. Esse projeto é contra a vida das mulheres trabalhadoras e contra o direito da mulher de se prevenir frente a uma gravidez indesejada. Esse projeto contribuirá, na prática, para o aumento de abortamentos clandestinos.

Dilma não fez avançar em nada esse direito. Por isso, em seu governo, as trabalhadoras estão morrendo. Acreditamos que nossa luta pela legalização hoje enfrenta diretamente o governo e as medidas reacionárias de Cunha e a falsa oposição de Aécio. No dia 28, seguiremos na luta pela vida, em defesa da legalização do aborto e das mulheres trabalhadoras.

4º ENCONTRO DE NEGROS E NEGRAS DO PSTU

“A revolução no Brasil será

Os negros e negras do PSTU deram um passo importantíssimo na batalha contra todas as formas de opressão e o racismo no Brasil e no mundo. Entre 4 e 7 de setembro, aconteceu o 4º Encontro Nacional de Negros e Negras do partido. Foram discutidas as tarefas dos revolucionários sobre diversos temas, entre eles a luta contra o mito da democracia racial, sutilmente utilizada nas políticas de Estado e na exploração pelos patrões. Os debates também destacaram a constatação da dupla ou tripla opressão da mulher negra, somados o racismo, o machismo e a LGBTfobia. Por fim, discutiu-se a necessidade de aprimorar um programa revolucionário para o Brasil. Confira algumas dessas reflexões.

Derrotar o racismo é uma necessidade da classe trabalhadora

CLÁUDIA DURANS E HERTZ DIAS, DO MARANHÃO

Durante quase 400 anos, a população negra, arrancada da África para ser escravizada, construiu a riqueza do Brasil. Foram as trabalhadoras e os trabalhadores negros que, na mineração, na pecuária, nas plantações de café, algodão, cana de açúcar, foram desumanamente explorados, humilhados, transformados em coisas e submetidos à violência física e psicológica.

Em 1888, a escravidão foi abolida, quando apenas 5% dos negros ainda eram escravos, mantendo intacta a estrutura latifundiária. Contribuiu para isso a Lei de Terras de 1850, definindo que o acesso à terra seria mediante compra e venda. Como os ex-escravizados, libertos sem nenhuma indenização, poderiam comprar terra?

Importava também eliminar da história o principal conflito de classe no período escravista entre os senhores e os escravizados. Ocultar a brava resistência e as lutas dos que construíram quilombos e realizaram insurreições como a Revolta dos Malês na Bahia, a Balaiada no Maranhão, a Cabanagem no Pará, a Revolta da Chibata no Rio de Janeiro, entre outras. Transformou-se bandidos em heróis, como o sanguinário Duque de Caxias, e heróis negros em bandidos, como Dandara e Zumbi de Palmares; Negro Cosme, líder da Balaiada; Luiza Mahin dos Malês; e João Cândido da Revolta da Chibata.

João Cândido, líder da Revolta da Chibata

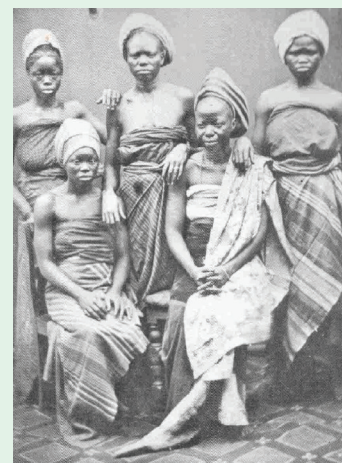
Trabalhadores negros e negras de todo o mundo: uni-vos!

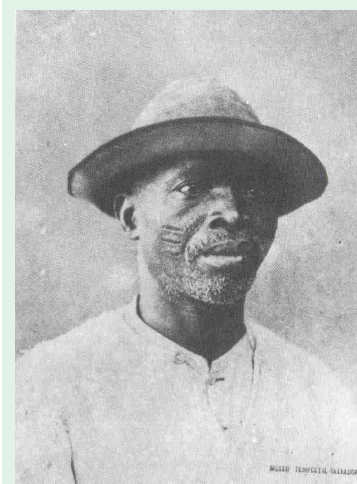
O Brasil tem uma forte classe trabalhadora com tradição de luta. Aqui, raça e classe se combinam, pois a classe trabalhadora é majoritariamente negra. Só mesmo quem está contaminado pelo mito da democracia racial no Brasil não consegue perceber que lutadores negros e negras estão travando sua batalha nas periferias, nas universidades, nas fábricas, nos quilombos.

A luta contra o mito da democracia racial deve estar combinada à luta contra as armadilhas ideológicas da democracia burguesa. E a luta contra o racismo deve ser parte da luta contra o capitalismo. Combater o mito da democracia racial significa retirar a classe trabalhadora brasileira do campo ideológico da burguesia racista. É também lutar contra os ataques dos governos, patrões e do imperialismo. A revolução no Brasil será negra ou não será.

Imigração europeia e a exclusão dos negros e negras

As marcas do escravismo são profundas e foram incorporadas à estrutura de classes do capitalismo. Após a abolição, a classe dominante brasileira tratou de incorporar imigrantes como mão de obra assalariada, deixando a força de trabalho negra à própria sorte. Com a proclamação da República, em 1889, a elite brasileira tinha como modelo o homem branco europeu. Daí a ideologia da mestiçagem para abolir os traços negros da população brasileira. Como diz o sociólogo Clovis Moura sobre a ideologia do branqueamento: *“Nada mais é do que uma tática para desarticular ideologicamente e existencialmente o segmento negro a partir de sua autoanálise”.*

Em seguida, a adoção do mito da democracia racial apresentou um cenário falso da realidade brasileira: negros e brancos convivendo harmonicamente, sem racismo. Agora todos eram iguais perante a lei. Então, que vençam os melhores. Ideologicamente, isso serviu e ainda serve para que negros se vejam como incapazes frente ao sucesso profissional e educacional do branco.

A realidade é que o Brasil é profundamente racista. O país possui a quarta maior população carcerária do mundo, e 60% são negros. O racismo e a precarização da situação do povo negro produz um verdadeiro genocídio e encarerçamento dos negros, particularmente da juventude negra, seguido de chacinas nas periferias e da violência policial.

Como se não bastasse, hoje, há vários projetos de lei que querem retirar as terras das populações originárias e remanescentes de quilombos, a exemplo da PEC 215.

negra ou não será”

A carne mais barata do mercado é a carne da mulher negra

WELLINGTA MACEDO, DE BELÉM (PA)

Ana Lilia Santos, 37 anos, servente da construção civil de Belém e diretora do Sindicato da categoria na capital. Negra, mãe de dois filhos. Desde que saiu do Maranhão para estudar, sabia que sua vida não seria nada fácil. Realmente, nunca foi. Como não é fácil a vida de nenhuma mulher negra pobre. Desde que nascemos, temos de lidar com a ideologia racista. Por sermos mulheres e negras, somos taxadas de feias, cabelo pixaim ou bombril, nariz de batata, enfim, por supostamente não termos boa aparência. Isso impede de conseguirmos um emprego decente e uma posição melhor no mercado de trabalho. O chicote estala mais duramente em nossa pele.

Lilia já trabalhou como babá em várias casas. Há seis anos, trabalha como servente na construção civil e também como jauzeira, responsável pelo rejunte da obra. Lilia não ganha mais por isso. Ao contrário. Uma das maiores lutas das mulheres operárias da construção civil no Pará é por salário igual para trabalho igual e classificação profissional. Por conta do machismo, os patrões se recusam a pagar salários iguais a homens e mulheres e a classificá-las como profissionais, mesmo que elas realizem o mesmo serviço que os homens.

Mulheres negras ainda são as que recebem piores remunerações.

Nas obras, as operárias também são constantemente assediadas pelos patrões e pelos colegas de trabalho. Lilia se lembra de um caso: *“Por eu ser uma operária que nunca se calou e sempre briguei por meus direitos, já teve encarregado que me tirou do serviço e me botou pra lavar banheiro só porque reclamei. Claro que ele fez isso, por causa da cor da minha pele”*, disse Lilia.

Ela também contou que um antigo encarregado a liberou do serviço mais cedo porque o patrão queria que ela fizesse um trabalho extra na casa dele. *“Eu disse pra esse patrão, uma vez que ele me esperava na esquina e insistiu pra que eu saísse da obra e fosse fazer um ‘servicinho’ na casa dele: ‘minha pele não é tapete, pra você pisar’. Sofri retaliações depois disso. Ele cortou meu adicional de jaú e minhas horas extras”*, contou Lilia.

Esse patrão já era conhecido na obra por assediar as operárias. A prima de Lilia foi assediada e acabou tendo de dormir com o patrão. Logo depois, sua prima foi desligada da obra e o patrão ainda tentou impedir que conseguisse outro trabalho.

Mas tudo isso não acontece só na construção civil. A professora Elaine Maciel, formada em Pedagogia, trabalha nas redes municipal e estadual de Belém e conta um pouco da sua história. Elaine diz que, no dia em que tomou posse numa das escolas, ouviu a seguinte pergunta da gestora, que é branca: *“tu que és a novata da limpeza?”* Elaine respondeu: *“Não, eu sou a nova coordenadora pedagógica”*.

Passados 127 anos da abolição da escravatura, a discriminação racial é uma realidade dura para nós mulheres negras no mercado de trabalho. A música “A Carne”, cantada por Elza Soares, continua mais atual do que nunca. Somos ainda a carne mais barata no mercado.

Wellingta Macêdo, do Quilombo Raça e Classe

Programa

Wilson H. Silva
de São Paulo (SP)

Classista, negro, socialista e internacional

Uma das principais discussões realizada durante o encontro foi sobre os desafios que temos de enfrentar para a construção de um programa de raça e classe em propostas concretas, no dia a dia e nos diferentes setores em que atuamos, pela destruição do sistema capitalista que utiliza o racismo para superexplorar negros e negras.

Foram discutidas contribuições de revolucionários que se detiveram sobre o tema, a começar por Karl Marx que, em *O Capital* (1867), falando sobre a luta pela libertação dos escravos nos Estados Unidos, já defendia que era impossível separar a luta de classes da questão racial, afirmando que *“os trabalhadores de pele branca não podem ser emancipados onde os de pele negra continuem estigmatizados”*.

Também foram debatidas as contribuições de Leon Trotsky, principalmente numa série de debates que ele teve, nos anos 1930, com militantes do Partido Socialista dos Trabalhadores (SWP) norte-americano, como C.L.R. James e Cannon. Entre eles, como aplicar as teses e teorias do *Programa de Transição*, da *Revolução Permanente* e do *Desenvolvimento Desigual e Combinado* ao tema racial. Cannon sintetizou em textos como a “A revolução russa e o movimento negro norte-americano”, escrito em 1959, no qual ele lembra que um programa de raça e classe, em primeiro lugar, deve reconhecer o *“potencial revolucionário da luta dos negros”* e propor uma *“uma aliança combativa do povo negro e do movimento operário numa luta revolucionária comum contra o sistema social existente”*.

Uma luta que *“não se deterá com reformas, não será satisfeito com concessões”* ou migalhas (como as ilusões de ascensão social ou empoderamento). Mas sim num programa que possa ganhar a consciência do povo negro para a conclusão de que somente *“o movimento do povo negro e o movimento operário combativo, unificados e coordenados por um partido revolucionário, resolverão a questão dos negros da única maneira em que pode ser resolvida: mediante uma revolução social”*.

4º Encontro de Negras e Negros do PSTU

E DAÍ?

Agência americana reduz grau de investimento do Brasil

Agências de risco avaliam país para que banqueiros possam lucrar à custa da exploração dos trabalhadores e do aumento da miséria e da pobreza

DA REDAÇÃO

O recente rebaixamento na nota do Brasil pela agência de classificação de risco Standard & Poor's (S&P) provocou um forte debate no Brasil. Na TV e nos grandes jornais, vários comentaristas dizem que isso é algo muito ruim para o Brasil. Mas será que uma nota maior significaria um salário mínimo maior, menos desemprego, redução do preço dos alimentos e mais investimentos em educação e saúde? Longe disso.

O QUE VAI ACONTECER COM O PAÍS?

Quando você estava na escola, provavelmente conheceu alguma professora ou professor que tinha como método dar uma estrelinha para algo que você fez de correto. É mais ou menos assim que os grandes banqueiros mundiais e o mercado financeiro fazem com os governos, principalmente dos países periféricos, como o Brasil.

A Standard & Poor's é uma agência norte-americana, que classifica os governos em dois grupos conforme a nota que eles recebem. Da nota D, a pior de todas, até BB, o país é considerado como grau especulativo. A partir de BBB até AAA, a melhor nota, o país entra na categoria de grau de investimento.

Essa agência baixou a nota do Brasil de BBB- para BB+, o que significa que o país perdeu seu grau de investimento, ou seja, deixou de ser um bom pagador. A redução da nota, na prática, significa que o país tem menos condições de pagar suas dívidas firmadas por contrato no tempo estipulado. Consequentemente, várias empresas brasileiras também tiveram suas notas reduzidas, como a Petrobras.

A classificação de risco da dívida dos países serve como referência para investidores estrangeiros. Alguns fundos de investimento só têm permissão de comprar títulos da dívida de países classificados como grau de investimento, como é o caso de milionárias seguradoras e fundos de pensão norte-americanos.

Escritório da Standard & Poor's em Manhattan, Nova Iorque

O rebaixamento do Brasil é um alerta pra esses fundos que, nos últimos anos, ganharam bilhões ao especular com os títulos da dívida pública brasileira. Esses fundos foram responsáveis pela enorme crise econômica nos Estados Unidos e na Europa em 2008.

BOM ALUNO

Lição de casa

Mas para ter uma boa nota, é preciso que os governos façam uma espécie de lição de casa. Primeiro, precisam pagar em dia suas dívidas interna e externa. No Brasil, isso consome metade do nosso orçamento público. Depois é preciso que o governo eleve as taxas de juros para dar maior rentabilidade aos especuladores que compram os títulos da dívida pública. Ou seja, qualquer governo que aumente gastos com saúde, educação, aumento de salários, dê dinheiro para reforma agrária e para moradia popular vai perder estrelinhas, ou seja, terá sua nota rebaixada. No final das contas, as agências de risco apenas avaliam se o Brasil, ou qualquer outro país, oferece condições para que os banqueiros possam lucrar à custa da exploração dos trabalhadores e do aumento da miséria e da pobreza. Quanto maior a submissão do governo e mais pobre nosso povo viver, maior será a nota que o Brasil vai ter.

Opinião

Juliana Donato de Oliveira
de São Paulo (SP)

Agência de "Ricos"

As agências que avaliam o risco são empresas privadas, contratadas por empresas ou governos que querem ser classificados mediante remuneração. Elas visam ao lucro e servem para que empresários e banqueiros ganhem muito dinheiro. A classificação realizada por elas mostra que praticamente nada sobrou de nossa soberania. Se um governo não aplicar uma política econômica favorável aos banqueiros terá sua nota rebaixada.

Hoje, apenas três empresas, a Dominion Bond Rating Service (DBRS), a Fitch, Moody's e a Standard & Poor's, dominam juntas mais de 95% do mercado de classificação de risco de crédito.

Longe de serem imparciais, essas agências participaram de especulação e deram boas notas a negócios financeiros de alto risco. É só lembrar-se da crise de 2008 que teve início nos Estado Unidos. Nesse país, as operações com os chamados créditos podres (os *subprime*) foram classificados como AAA (a nota máxima do grau de investimento), inundando o mercado financeiro com esses ativos.

A consequência foi a contaminação do sistema financeiro internacional, o que gerou para os trabalhadores do mundo todo perda de direitos, perda de empregos e piores condições de vida.

A Standard & Poor's, que reduziu a nota brasileira, foi obrigada a pagar cerca de R$ 5,4 bilhões ao governo dos EUA depois de ter sido condenada pela Justiça do país. A agência mascarou o risco de investimentos dos *subprime*, o que desencadeou a crise em 2008, mas proporcionou enormes lucros aos bancos.

> O rebaixamento da classificação foi um recado para que a presidente Dilma aprofunde o ajuste fiscal

Essas agências são um covil de lobos, formado por especuladores que usam a classificação de notas para chantagear países e governos.

No caso Brasil, o rebaixamento da classificação foi um recado para que a presidente Dilma aprofunde seu ajuste fiscal. Para eles, não bastou os ataques aos direitos dos trabalhadores, como foram os ataques ao PIS, ao seguro-desemprego e às aposentadorias. É preciso mais. O país deve reduzir ao máximo o seu gasto para não comprometer o pagamento da dívida. Isso significa privatizar as empresas estatais, arrochar os salários dos servidores públicos, fazer reformas que cortem direitos e gastos sociais e atacar a Previdência. Dilma entendeu o recado.

DE NOVO NÃO!

Governo vai meter a mão no seu bolso

Além de anunciar novo corte de R$ 26 bilhões no orçamento para pagar juros aos banqueiros, governo Dilma avisa que vai mexer nas aposentadorias

DA REDAÇÃO

A presidente Dilma anunciou uma nova rodada de cortes no Orçamento pra economizar dinheiro para pagar a dívida pública aos banqueiros. A grana vai vir dos cortes no Orçamento (R$ 26 bilhões) e do aumento de impostos. Até a CPMF, uma velha conhecida dos brasileiros, voltou. O pacote tem como objetivo gerar R$ 64,9 bilhões em 2016.

As medidas foram anunciadas no dia 14 de setembro pelos ministros da Fazenda, Joaquim Levy, e do Planejamento, Nelson Barbosa. Em entrevista coletiva, os dois ministros tiveram a cara de pau de dizer que os responsáveis pelo rombo no Orçamento são os aposentados e os servidores públicos.

O aprofundamento dos cortes e da política de austeridade para 2016 ocorre logo após a agência de risco Standard & Poor's ter anunciado o rebaixamento da nota de risco do país, ou seja, o selo que mostra aos banqueiros que o país está fazendo de tudo para priorizar o pagamento da dívida pública.

Evidentemente, ninguém acha que o governo Dilma vai deixar de pagar os juros da dívida, mas o rebaixamento da nota foi uma pressão para o governo cortar ainda mais o Orçamento e tranquilizar o mercado financeiro numa conjuntura de aprofundamento da crise econômica. E foi justamente isso que o governo fez. Com as novas medidas para o próximo ano, o governo espera ter superávit primário de 0,7% do PIB, um lucro de R$ 43 bilhões para o pagamento dos juros.

ATAQUE À APOSENTADORIA

Governo diz que vai mexer na Previdência

Questionado por um jornalista, o ministro Barbosa disse que a reedição da CPMF será temporária e valeria até o governo e o Congresso Nacional definirem novas regras para a Previdência pública, ou seja, uma nova reforma previdenciária para dificultar ainda mais as aposentadorias dos trabalhadores. Para isso, foi criado um fórum da Previdência para elaborar essa reforma o mais rápido possível. Durante a entrevista, uma repórter perguntou sobre qual a garantia que o governo dava de que realmente mexeria nas aposentadorias. Barbosa não teve dúvidas: lembrou que, logo após eleita, Dilma reformulou as regras da pensão por morte. Ou seja, atacar a Previdência não é tabu para o governo do PT.

AÉCIO NEVES

É muita cara de pau

A volta da a Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) provocou indignação de muitos trabalhadores. Esse imposto regressivo foi criado em 1997 pelo governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e durou até 2007. A CPMF atinge indistintamente todo mundo, sobretudo os trabalhadores que, ao contrário dos empresários, não podem repassar esse custo para a frente.

O PSDB, com Aécio Neves à frente, criticou o governo pela CPMF e, pior, disse que o governo do PT deveria ter cortado ainda mais. Aécio é um cara de pau. Em 2002, quando Aécio presidia a Câmara, ele aprovou a prorrogação da CPMF no governo FHC. Brigas à parte, tanto Dilma quanto Aécio ou o PMDB (Michel Temer, Renan Calheiros, Eduardo Cunha) têm a mesma receita para a crise: mais cortes e ataques em cima dos trabalhadores para garantir os lucros de banqueiros e empresários.

NACIONAL

Marcha reúne 15 mil em São Paulo e dá u

Protesto tomou a Av. Paulista no último dia 18 defendendo uma alternativa de classe ao governo e à oposiç

DA REDAÇÃO

A mesma Avenida Paulista que foi palco das manifestações cavalgadas por setores como o PSDB e o PMDB contra o governo Dilma e que depois viu os atos em defesa desse mesmo governo presenciou algo novo no dia 18 de setembro. Pela primeira vez, milhares de pessoas saíam às ruas para dar um basta ao governo, mas também às alternativas colocadas aí, como o vice-presidente Michel Temer, o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (ambos do PMDB) e o tucano Aécio Neves. *"Chega de Dilma, chega de Aécio, chega de Cunha e desse Congresso"*, foi a palavra de ordem mais gritada em toda a manifestação.

A Marcha dos Trabalhadores e Trabalhadoras reuniu cerca de 15 mil pessoas e foi convocada e organizada pela CSP-Conlutas e outras 40 entidades sindicais e dos movimentos sociais, populares e estudantis, além de partidos de esquerda como PSTU, PCB e correntes do PSOL.

ONDE AS LUTAS SE ENCONTRARAM

A manifestação reuniu o funcionalismo público em greve, principal setor afetado pelo novo pacote de ajuste fiscal anunciado pelo governo Dilma, trabalhadores dos Correios, que também estão iniciando uma forte greve em todo o país. Teve delegações operárias, como trabalhadores metalúrgicos de São José dos Campos e de Minas Gerais, da construção civil de Belém e de Fortaleza, operários demitidos do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), além de sem-teto de diversas ocupações, como a Ocupação William Rosa, de Contagem (MG), e Jardim União, da Zona Sul da capital paulista.

Entidades estudantis em luta contra os cortes na educação, como ANEL e Juntos, também foram às ruas, assim como movimentos contra a opressão, a exemplo do Movimento Mulheres em Luta (MML) e do Quilombo Raça e Classe.

Ao contrário das manifestações dirigidas pelo PSDB e outros setores de direita, que reuniram em sua grande maioria a classe média, ou os atos do governo, que moveram quase exclusivamente aparatos, a marcha do dia 18 teve a cara dos setores mais pobres do proletariado brasileiro. Uma composição operária, negra, feminina, LGBT e estudantil, em que trabalhadores como garis, operários demitidos do Comperj, grevistas dos Correios e tantos setores de trabalhadores em luta e muito explorados a hegemonizaram a manifestação.

Foto: Júlia Gabriela

Foto: Júlia Gabriela

Faixa de abertura da Marcha; logo atrás, bonecos representando Dilma e Aécio

Foto: Paollo Rodajna

Juventude da ANEL esteve presente

um basta a Dilma, Temer, Cunha e Aécio

ção burguesa

Foto: Phill Natal

Metalúrgicos de São José dos Campos

CAMPO E CIDADE CONTRA ESSE GOVERNO E A DIREITA

Por essa crise, o povo não vai pagar

A concentração do protesto começou por volta das 15h no vão do Masp. Além dos bonecos de Dilma e de Aécio, que abriram a marcha, um Eduardo Cunha vestido de presidiário também deu as caras junto com o petista Zé Dirceu.

No começo da manifestação, a indígena Valdenice Veron, da tribo Guarani Kaiowá, deu um contundente depoimento sobre o extermínio dos povos originários. *"Só da minha família, morreram 15 pessoas da tribo Taquaral, no Mato Grosso do Sul"*, disse. Ela fez um emocionante apelo para que se apoiasse a luta e a resistência contra o massacre indígena. Também marcaram presença imigrantes haitianos, que protestaram contra o racismo e a xenofobia de que são vítimas em nosso país e contra a ocupação militar do Haiti.

Já os movimentos de luta por moradia marcharam lado a lado dos operários e estudantes. *"Os sem-teto estão nas ruas por uma alternativa contra esse governo, mas também não querem ser capachos da direita"*, afirmou Helena Silvestre, do movimento Luta Popular, referindo-se aos atos patrocinados pelo PSDB e os protestos dos setores que apoiam o governo. *"Os sem-teto estão ao lado dos trabalhadores"*, discursou.

Além dos trabalhadores que estão em luta por salários, contra as demissões e contra os ataques aos direitos, estiveram presentes operários rurais organizados na Federação dos Assalariados Rurais de São Paulo (Feraesp). *"O agronegócio recebeu muito dinheiro no governo Dilma, e aí o governo diz que não tem dinheiro pra reforma agrária"*, protestou Rubens Germano, o Rubão, dirigente da federação.

"Não vai pagar, não vai pagar, por essa crise o povo não vai pagar" e *"Chega de Dilma e de Aécio, chega de Cunha e chega de Congresso"* foram algumas das palavras de ordem mais cantadas no ato. À noite, o protesto encerrou na Praça da República.

BASTA DE DILMA, TEMER, CUNHA E AÉCIO

Construir na luta uma alternativa classista

O presidente nacional do PSTU, Zé Maria, defendeu uma alternativa da classe trabalhadora à falsa polarização entre o governo do PT, de um lado, e o PSDB, de outro. *"Dois fatos resumem bem o cenário político brasileiro: o pacote de maldades apresentado pelo governo Dilma no início dessa semana e, no dia de hoje, o IBGE tornou públicos os dados que mostram, pela sétima vez seguida, a queda no nível de empregos em nosso país"*, disse. *"O governo do PT, frente à crise, ataca impiedosamente os direitos da classe trabalhadora para defender os interesses e os lucros dos bancos e das multinacionais"*.

De outro lado, a oposição burguesa exige *"ainda mais cortes dos direitos dos trabalhadores e apresenta um pedido de* impeachment *para tirar Dilma e botar no lugar Temer, Aécio ou Cunha. E para fazer o quê? A mesma coisa que o PT está fazendo: defender os interesses de bancos e grandes empresas"*.

POLÊMICA

"É por isso que achamos errada a posição de parte da esquerda que diz que devemos defender o governo frente à oposição de direita que aí está", afirmou. Zé Maria argumentou que, além de ambos representarem a mesma política, a própria direita já está dentro do governo do PT, com a ruralista Kátia Abreu, o ministro da Fazenda Joaquim Levy e tantos outros.

Dirigindo-se ao MTST e à direção do PSOL, Zé Maria defendeu a construção de uma alternativa dos trabalhadores. *"É aqui, nas ruas, nas lutas dos trabalhadores que nós poderemos construir uma alternativa de esquerda à crise desse país, não defendendo o governo"*, discursou.

Zé Maria defendeu a unificação das lutas em curso, rumo a uma perspectiva da construção de um governo dos trabalhadores, sem patrões ou corruptos, como única forma de dar uma saída de classe a essa crise.

Por fim, fez um chamado às direções das centrais sindicais como CUT e Força Sindical para romperem com o governo e ajudarem a organizar uma greve geral contra o ajuste fiscal e os ataques de Dilma.

Foto: Sérgio Koei

Zé Maria discursa ao final da Marcha, na Praça da República

DEPOIS DA MARCHA

Agora é preparar o outubro de lutas

Após marcha, encontro nacional reuniu 1.200 e aprovou continuidade da mobilização

DA REDAÇÃO

A marcha contra o governo, o PMDB e o PSDB, que levou 15 mil às ruas de São Paulo no dia 18 de setembro, foi uma grande vitória. As delegações de todo o país, porém, ao mesmo tempo em que sentiam um enorme entusiasmo, sabiam que as tarefas não terminavam ali. No dia seguinte, ocorreria o Encontro Nacional de Lutadores e Lutadoras cujo objetivo seria o de fazer uma primeira avaliação da manifestação e, principalmente, traçar os próximos passos dessa construção do campo alternativo dos trabalhadores à crise.

Assim, no sábado, dia 19, o cansaço não impediu que 1.200 ativistas se reunissem na quadra do Sindicato dos Metroviários. Assim como o ato, o encontro foi marcado pela grande representatividade, reunindo nada menos que 140 organizações e entidades sindicais e dos movimentos populares, estudantis e de luta contra as opressões.

A proposta de resolução apresentada pela CSP-Conlutas parte do acúmulo de todo o processo de organização da marcha e aponta a realização de encontros e seminários nos estados, com a deflagração de uma grande mobilização em outubro, com protestos nos estados. *"O desafio agora é materializar essa alternativa dos trabalhadores"*, afirmou Sebastião Carlos, o Cacau, da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas.

Romerito Pontes

SEM GOVERNO E SEM PSDB/PMDB

Uma alternativa classista para lutar é possível

Na quadra dos metroviários, o cansaço dos ativistas só não era maior que a alegria de ter participado de uma marcha vitoriosa. *"Foi uma demonstração de ousadia política desse campo dos trabalhadores que estamos tentando construir"*, avaliou Cacau.

A representação do ato e do encontro pode ser medida pelos estados presentes: 24 estados e o Distrito Federal. Na organização, 40 entidades, e nos setores mobilizados uma amostra do que há de mais combativo hoje na classe trabalhadora, dos metalúrgicos em luta contra as demissões ao funcionalismo público em greve contra a austeridade fiscal de Dilma, além de várias ocupações urbanas. *"Isso aqui é uma vitória, não do setor A ou B, mas da classe trabalhadora"*, disse Cacau.

"Para nós foi um orgulho muito grande estar com companheiros metalúrgicos, professores do Paraná, o funcionalismo, os companheiros dos movimentos populares", relatou o dirigente do Movimento de Esquerda Socialista (MES), corrente do PSOL, Maurício Costa. *"A sinalização que damos é que sim é possível ter uma alternativa que se diferencie de cima a baixo do governismo e da direita, essa é uma necessidade da classe trabalhadora"*, disse.

ALTERNATIVA DOS TRABALHADORES

O entusiasmo pela marcha do dia anterior vinha acompanhado por uma preocupação de se fortalecer um bloco dos trabalhadores à falsa polarização entre governo Dilma e a oposição encabeçada por setores do PMDB e PSDB. *"Se é verdade que a falência do governo está custando o sangue dos trabalhadores, também é verdade que precisamos construir uma alternativa de poder"*, resumiu Neida Oliveira, da oposição do CPERS (Centro dos professores do estado do Rio Grande do Sul) e da corrente Construção Socialista.

Bloco este que deve unir ainda as reivindicações dos trabalhadores do campo e da cidade. *"Estamos sofrendo também um processo muito grande de precarização no campo"*, afirmou Rubens Germano, o Rubão, da Feraesp. *"A agroindústria tem água para lavar cana, mas quando a gente chega em casa, na periferia, não tem"*, denuncia.

TEM PRA TODO MUNDO

Resolução reafirma chamado ao PSOL e ao MTST

Entre os dez pontos reafirmados no encontro, está o rechaço ao governo e à direita: *"Nem governo do PT, nem os picaretas do PMDB e PSDB"*, seguido de *"abaixo o ajuste fiscal e a Agenda Brasil"* e por um *"ajuste nos banqueiros, que os ricos paguem pela crise"*, acompanhado por uma série de reivindicações como o fim das demissões, estabilidade no emprego, fim das privatizações e o contra o massacre dos povos indígenas.

A resolução ainda reforça o chamado aos setores da esquerda que não se incorporaram a esse processo, em especial a Intersindical e o MTST. *"Dirigimos-nos em especial às organizações dirigidas pelos setores da esquerda, como a CCT-Intersindical, o MTST, a Intersindical-Instrumento de luta, e também aos partidos como o PCB, PSOL e PSTU para nos somarmos nessa frente para lutar"*, diz o texto.

pstu.org.br
LEIA no site a resolução na íntegra aprovada no encontro

CORREIOS

"Essa greve é contra a privatização dos Correios"

DESDE O DIA 16 DE SETEMBRO, OS TRABALHADORES DA EMPRESA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS (ECT) ESTÃO EM GREVE POR TEMPO INDETERMINADO EM TODO O PAÍS. O OPINIÃO FALOU COM ALGUNS TRABALHADORES DA EMPRESA QUE ESTIVERAM NA MARCHA DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS NO DIA 18 DE SETEMBRO EM SÃO PAULO. A ENTREVISTA FOI REALIZADA COM MARCÍLIO MEDEIROS, PRESIDENTE DO SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EMPRESAS DE CORREIOS E TELÉGRAFOS DO VALE DO PARAÍBA; GIOVANI ZOBOLI, DIRETOR DO SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS CORREIOS DE SANTA CATARINA; SÉRGIO LUIZ PIMENTA, DO SINDICATO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO; E GERALDO RODRIGUES, O GERALDINHO, DA FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EMPRESAS DE CORREIOS E TELÉGRAFOS (FENTECT).

 DA REDAÇÃO

Fotos: Romerito Pontes

Como está a greve e quais são os principais objetivos dessa luta?

Geraldinho – Essa greve não é simplesmente econômica. Os Correios passam por uma série de desmontes para que [a empresa] seja entregue à iniciativa privada. O governo Dilma, desde que assumiu a Presidência, fez vários ataques. Mudou o estatuto da empresa. Tem trazido muita gente de fora para a empresa. Tudo isso com o objetivo de privatizar.

Marcílio – Essa greve tem como objetivo lutar contra a privatização e reestruturação da ECT. Depois, vem o ataque ao nosso plano de saúde, que é o melhor benefício que temos hoje. A empresa quer atacar esse direito.

Sobre a questão salarial, a empresa fez uma proposta ridícula. Ofereceu R$ 150 retroativos a 1° de agosto e, depois, mais R$ 150 em janeiro do ano que vem. Mas, depois, retirou essa proposta e apresentou outra pior no TST [Tribunal Superior do Trabalho] pedindo o julgamento da nossa greve.

Giovani – No nosso plano de saúde, a empresa agora quer cobrar 12,98% do nosso salário pra quem tem dependente. Ano passado, não teve reajuste, foi gratificação. E este ano, a empresa ofereceu novamente gratificação em vez de salário.

Quanto ganha um trabalhador do Correio e o que significa esse desconto de quase 13%?

Pimenta – Hoje, o piso do trabalhador do Correio gira em torno de R$ 1.100. Se você pegar um trabalhador que entra hoje na empresa, ele recebe uns R$ 900, no máximo R$ 1.000. Se descontar 13%, ele vai deixar de receber R$ 130. Sobra o que para o cara, para a sobrevivência do trabalhador?

Hoje, é o PT que está implementando, anos após ano, a política do abono salarial. Essa proposta da empresa é um abono parcelado que não incide em nosso salário.

Como está sendo feita a privatização?

Marcílio – Eles chamam de modernização, porque é um nome mais bonito. Eles transformaram a ECT numa empresa de sociedade anônima. Com isso, foi possível constituir subsidiárias. Inclusive, pretendem incluir subsidiárias na área de encomendas, o que vai significar a pá de cal na empresa como ela é hoje. O projeto da direção da ECT, que é ligada ao PT e ao PMDB, é concretizar a privatização da empresa até 2020.

Giovani – Desde a era FHC, os Correios estão sendo privatizados. Estão atacando nosso plano de saúde e reestruturando a empresa. Lula e Dilma continuaram com isso. Estão dividindo a empresa em quatro novas empresas, e três delas serão privatizadas. É claro que essas três serão as que darão mais lucros.

Para a população, qual é a importância de ter um correio estatal?

Giovani – Só um correio estatal vai poder entregar diariamente, no prazo, as correspondências, principalmente nos municípios pequenos. Com a privatização, o projeto é fazer entrega alternada nos municípios com até 50 mil habitantes. Ou seja, vai ter entrega segunda, quarta e sexta-feira em alguns. Em outros, só terça e quinta. Sem contar que, se privatizar, os preços das mercadorias vão subir.

Em alguns países em que o correio foi privatizado, tiveram que voltar a estatizá-lo, porque só atendia aos grandes centros. As cidades menores, que não davam lucro para as empresas privadas, praticamente não tinham mais entregas.

Por que vocês vieram participar da Marcha dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Av. Paulista?

Geraldinho – Essa marcha é muito importante para os trabalhadores dos Correios pra denunciar o que o governo vem fazendo com a ETC e, também, com a gente, trabalhadores.

Giovani – A gente espera se somar com outras categorias que estão greve para barrar esse ajuste e os ataques que o governo está fazendo, mas, também, para construir uma alternativa. Não adianta bater na Dilma e ressuscitar o PSDB de Aécio Neves. Nem Dilma, nem Aécio servem para a classe trabalhadora, nem para os trabalhadores dos Correios.

SÃO PAULO

A Polícia que mata

CAROLINA FREITAS
DE SÃO PAULO (SP)

São Paulo, a metrópole palco de uma das polícias mais letais do mundo. Estimativas de 2014 apontam que, de cinco homicídios ocorridos na cidade, pelo menos um é executado por policiais. Dois de três jovens assassinados são negros.

Acima, vítima da chacina de Osasco e Barueri; abaixo, cenas amadoras que mostram o momento em que um policial joga Fernando Henrique da Silva de cima do telhado

EXECUÇÕES A LUZ DO DIA E NA CALADA DA NOITE

Assistimos na semana passada o vídeo de mais uma execução de dois jovens na região do Butantã pela PM. O material divulgado mostra um dos rapazes sendo rendido pelos policiais e baleado logo após terem suas algemas retiradas. O outro aparece sendo atirado pelos militares de um prédio de quase dez metros de altura e imediatamente alvejado.

No dia 13 de agosto de 2015, o terror se propagou em Osasco e Barueri. Dezenove pessoas morreram nas mãos de homens encapuzados, calçando coturnos e empregando armas da Polícia Militar. Das 19, quase todas eram trabalhadores negros. As testemunhas tiveram seus nomes e seus dados expostos publicamente, o que demonstra o grau de desprezo e negligência das autoridades policiais com a integridade daqueles que presenciaram o horror do massacre e ficaram vivos para contar.

MAIS QUATRO TRABALHADORES EXECUTADOS

Um mês depois, no dia 19 de setembro, mais quatro rapazes, todos entregadores de pizza, foram assassinados enquanto trabalhavam durante a noite, em Carapicuíba.

Os fatos, cuja dor das mortes é sentida ano após ano pelas famílias dos assassinados, apontam todos para a existência de grupos de extermínio organizados por policiais militares em São Paulo. E até Julio Cesar Fernandes Neves, ouvidor da Polícia Militar do Estado de São Paulo, em recente entrevista à Folha de São Paulo, criticou, ainda, o fato de que os PMs envolvidos não sejam afastados do serviço enquanto os casos são apurados. Por fim, admitiu que ele mesmo sente medo de sofrer represálias de agentes da PM!

TEM DE ACABAR

“Eu quero ver o fim da polícia militar”

O número de pessoas mortas pela polícia em 2015 é o maior em dez anos. Os dados dos assassinatos indicam quem são as vítimas: trabalhadores mortos nas ruas da sua própria vizinhança, em frente a suas casas, nos bares e praças que frequentavam depois do trabalho ou, ainda, foram mortos enquanto trabalhavam.

A Polícia Militar mantém uma lógica de guerra a um inimigo e, desde sempre, atua para combater o povo negro, pobre e trabalhador. A elite branca jamais fez parte dessas estatísticas. Pior: a estrutura da polícia militar acaba garantindo que os crimes contra os pobres das periferias não sejam apurados, muito menos julgados.

Por isso, é necessária a desmilitarização da polícia para que os policiais não sejam mais julgados pela Justiça militar, e os crimes passem a ser apurados pela Justiça comum. A mudança fará com que os policiais tenham direito a se sindicalizarem como qualquer outro funcionário público. Uma reforma mais profunda pode estabelecer o controle da polícia e da segurança pela comunidade em eleições de delegados em cidades ou zonas.

Mesmo assim, não há como vislumbrar, na sociedade de classes, profundamente racista e desigual em que vivemos, que a violência contra o povo pobre, negro e trabalhador tenha solução apenas com o fim da militarização. Assim como os dois jovens assassinados pela PM na semana passada, jovens são executados pela polícia nos Estados Unidos, como ocorreu em Ferguson e em Baltimore recentemente. O fim da polícia é tão necessário quanto o fim desse sistema mundial que nos explora, oprime e mata.

RIO DE JANEIRO

Racismo e violência policial

PAULA BORGES E MARISTELA FARIAS, DA SECRETARIA DE NEGRAS E NEGROS DO PSTU.

Nos últimos dias vivenciamos uma onda de arrastões na cidade do Rio de Janeiro. Esses arrastões são tratados como fenômeno da violência iniciada nos anos 90, e muitos intelectuais trataram de relacionar com os pobres, negros das favelas do Rio.

O que justifica a segregação racial, a criminalização da pobreza e o racismo institucional é a crise econômica e as políticas de ajuste fiscais do governo de Dilma (PT), que é responsável neste processo, já que a violência, o genocídio da juventude negra vem se dando em todo o Brasil, e é reproduzida pelo governador Pezão (PMDB).

É inadmissível que compartilhemos as ações adotadas pelo governo Pezão, o prefeito Eduardo Paes (PMDB), do Secretário de Segurança do Rio de Janeiro, José Beltrame e o aparato policial, contra jovens negros, vindos das zonas pobres da cidade para as praias da zona sul. Retirando-os dos coletivos e encaminhando-os a delegacia, dito como suspeitos de eventuais delitos e ações violentas. Também modificaram e extinguiram linhas de ônibus vindas destas regiões para as praias cariocas.

APARTHEID SOCIAL

No dia 20, jovens brancos da Zona Sul, autointitulados “justiceiros”, atacaram o ônibus 474 que vai aos bairros pobres do Rio. Imagens gravadas mostram esses grupos agredindo jovens considerado suspeitos, ou seja, jovens pobres e negros. A ação foi estimulada pelo governador Pezão e pela inoperância e passividade da polícia que assistiu essa violência racista contra os jovens negros e pobres da periferia. Os “justiceiros” cometeram um crime e não sofreram nenhuma detenção da PM.

José Beltrame disse que “o que esta em jogo é a situação de vulnerabilidade” desses jovens. Ele, justifica as ações de violência, porém não identifica o causador desta situação. Esses jovens estão vulneráveis a divisão de classes e de raça, portanto a luta deve ser de raça e classe, porque a concentração de riquezas está nas mãos de poucos ricos e brancos.

Com esse episódio fica óbvio a segregação racial, a faxina étnica. Uma lógica de higienização racista, vista na época Copa e, agora, ás vésperas das Olimpíadas.

A classe trabalhadora negra não pode pagar por essa política construída sobre a pobreza. Exigimos o direito à cidade, políticas de investimentos na educação, na saúde, na cultura, emprego e moradia digna. Chega de racismo e criminalização da População Negra!

DISFARÇANDO A CRISE

O que acontece na Venezuela de Nicolás Maduro

Recentemente, governo deportou mais de mil colombianos pobres e declarou estado de emergência na fronteira com a Colômbia. Ao mesmo tempo, manifestações de trabalhadores são reprimidas, e muitos ativistas sindicais estão na cadeia.

MARCOS MARGARIDO,
DE CAMPINAS (SP)

A crise econômica mundial chegou com tudo à Venezuela. Os trabalhadores sentem seus terríveis efeitos. A inflação pode chegar a 200% este ano e acaba com os salários miseráveis em poucos dias. Há uma falta enorme de alimentos, e filas humilhantes se formam nos supermercados para comprá-los, muitas vezes sem sucesso. Além do aumento do desemprego e da piora dos serviços públicos, principalmente da educação e da saúde, a criminalidade e a insegurança crescem.

O governo de Nicolás Maduro, da mesma forma que o de Dilma no Brasil, ataca os trabalhadores e a população pobre: libera os preços dos alimentos, reduz salários, permite a demissão de trabalhadores e a não renovação de acordos coletivos, deixa de investir nas empresas estatais, aumenta impostos e o preço da gasolina, entre outras medidas que favorecem unicamente banqueiros e empresários. E paga pontualmente a dívida pública. Nada diferente do Brasil, não é?

AS CONQUISTAS DO POVO E A NOVA BURGUESIA

Hugo Chávez, presidente de 1999 a 2013, fez uma série de concessões importantes aos trabalhadores e aos setores populares, principalmente após as massas derrotarem uma tentativa de golpe em abril de 2002. Criou as Missões, um programa parecido com o Bolsa Família, que melhorou as condições de saúde, educação e habitação e ajudou a aliviar a miséria brutal de 40% da população. Estatizou a fábrica Sidor, uma importante siderúrgica, e outras empresas depois de fortes lutas em 2008.

Mas não alterou a estrutura capitalista dependente da economia venezuelana. Ao contrário, ela se aprofundou com o surgimento de novos ricos, a burguesia bolivariana, intimamente ligada ao Estado, que passou a viver das receitas do petróleo. Ela passou a receber subsídios e dólar barato para a importação de produtos, enquanto eram vendidos a preços muito maiores. Assim, enriqueceu à custas dos favores do Estado, enquanto o povo vive à mingua.

Apesar da entrada de quase um bilhão de dólares da exportação do petróleo, não houve uma tentativa séria de desenvolvimento industrial e de aumento da produção de alimentos. O petróleo foi explorado em parceria com multinacionais como a Chevron, Total, Halliburton, Repsol etc. A economia ficou amarrada às decisões desses sócios.

Nada diferente do que se fazia antes de Hugo Chávez chegar ao poder. Antes, os capitalistas recebiam ordens diretas do governo dos Estados Unidos. Hoje, fazem uma oposição de direita ao governo. Mas tudo o que querem é voltar ao poder para aplicar as mesmas medidas que o atual governo aplica contra os trabalhadores.

PROIBIDO PROTESTAR

Repressão é marca registrada do governo Maduro

Na Venezuela, protestar contra o governo é crime. As manifestações são reprimidas mesmo se forem organizadas pelos trabalhadores. Muitos ativistas sindicais estão na cadeia por liderarem greves em suas fábricas. Três operários da Sidor ficaram detidos por sete meses, da mesma forma que Alvarez Rodney e Ruben Gonzalez, operários da Ferrominera. Alvarez está preso há vários anos sem julgamento, e Ruben há quase dois anos. A Justiça também anulou as eleições sindicais na Sidor no início do ano, porque a chapa ligada ao governo não ganharia.

Recentemente, o governo deportou mais de mil colombianos pobres e declarou estado de emergência nas cidades que fazem fronteira com a Colômbia. Usou esses imigrantes como bodes expiatórios devido a uma troca de tiros ocorrida na fronteira, mesmo eles não tendo nenhuma participação.

Seu verdadeiro objetivo é desviar a atenção da classe operária dos verdadeiros problemas do país. Maduro faz discursos nacionalistas contra uma suposta invasão dos colombianos para tentar aumentar sua popularidade que está em queda livre. Grandes setores de trabalhadores rompem com o governo, e as eleições de 6 de dezembro se aproximam.

SEM SAÍDA

O fracasso de um projeto

O projeto dos partidários de Hugo Chávez, e agora de Maduro, fracassou. A criação de uma nova burguesia, que fosse contra os Estados Unidos no discurso, mas associada às multinacionais estrangeiras, manteve o país dependente e subordinado à ordem mundial imposta pelos governos dos países imperialistas e suas empresas.

Sob o domínio dos países imperialistas, não há espaço para projetos burgueses nacionais, pois a economia mundial é controlada por suas multinacionais, bancos e conglomerados financeiros.

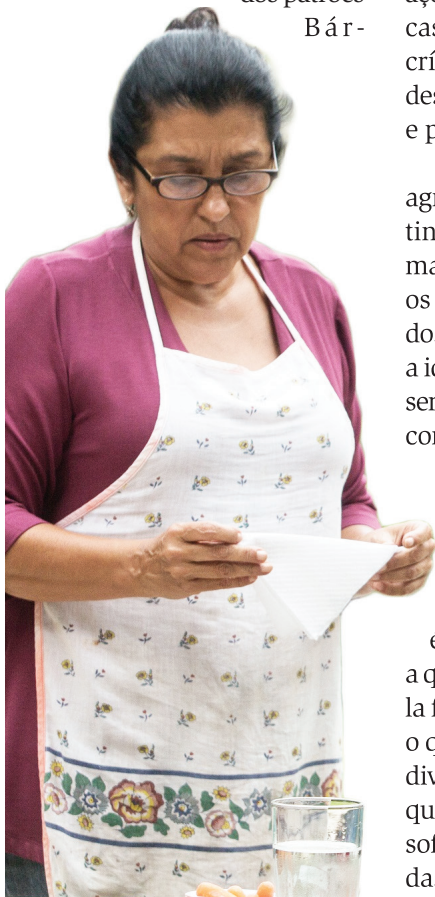
A parte do leão dos recursos naturais, como os minérios, petróleo e produtos agrícolas, vai para eles. Para os trabalhadores de cada país, só sobram penúria e miséria. Apenas com governos dos trabalhadores, sem patrões, sem corruptos, e sem os defensores do nacionalismo burguês, nossos países podem enfrentar a crise econômica que assola nossas vidas e construir uma nova sociedade que defenda os interesses dos trabalhadores.

QUE HORAS ELA VOLTA?

A vida do povo nas telas de cinema

Filme protagonizado por Regina Casé desperta para a dignidade negada à classe trabalhadora

LUCIANA CANDIDO
DA REDAÇÃO

Morumbi, zona nobre de São Paulo. Val (Regina Casé) é uma pernambucana que, há mais de uma década, trabalha como empregada doméstica na casa de uma família de classe média alta. Ela deixou a filha Jéssica (Camila Márdila) para arrumar um emprego que permitisse enviar dinheiro para criar a menina no Nordeste. Val mora na casa dos patrões Bárbara (Karine Teles) e José Carlos (Lourenço Mutarelli). É ela quem cria o filho do casal, Fabinho (Michel Joelsas), com quem desenvolve uma relação maternal. Val é tratada como membro da família. Mas essa é apenas uma aparência.

O filme *Que horas ela volta?*, da diretora Anna Muylaert, é, antes de tudo, um filme sobre ideologia. Estamos falando aqui de ideologia como um conjunto de ideias falsas que legitimam as ações de determinado grupo. No caso, o filme de Muylaert é uma crítica contundente à relação de desigualdade entre empregadas e patrões.

Val é uma mulher resignada e agradecida por morar num quartinho minúsculo nos fundos da mansão enquanto limpa, todos os dias, os confortáveis cômodos da família. Ela acha natural a ideia de viver em condições de servidão. Aceita e obedece a uma condição de ser inferior.

Toda essa falsa naturalidade começa a desabar quando a filha de Val chega a São Paulo para prestar vestibular. Para a garota, o natural é ser tratada como gente igual a qualquer outro membro daquela família. Não hesita em aceitar o quarto de hóspedes em vez de dividir com a mãe o cubículo em que Val dorme passando calor e sofrendo com os mosquitos todas as noites.

A repressão da mãe, que chama Jéssica a ocupar seu lugar social de filha da empregada, estabelece um conflito entre as duas. Jéssica é o ponto de desequilíbrio que vai conduzir o espectador à percepção de que não existe conciliação possível entre empregadas e patrões. A situação das trabalhadoras é sempre humilhante e desigual. Isso não tem nada de natural: é cultural e historicamente construído para manter uma sociedade que sobrevive da diferença entre classes sociais.

A crítica se apresenta em revezamento entre detalhes sutis e situações explícitas de humilhação. Vai desde a aparição de Val usando camisetas velhas das viagens internacionais dos patrões até a expulsão de Jéssica da casa.

É interessante observar que o filme surge num momento em que o governo apresenta como uma de suas peças de vitrine a conquista de direitos trabalhistas para empregadas domésticas. Porém a narrativa mostra que apenas se corrigiu uma aberração – o fato de as empregadas não terem os mesmos direitos que outros trabalhadores –, mas não acabou com a segregação entre empregados e patrões.

O drama de Val se apresenta como algo que se repete, o que fica explícito ao longo do filme. O ponto negativo é a apresentação da solução do conflito a partir do mérito individual quando, na verdade, o fim da desigualdade só é possível com ações coletivas.

RECONHECIMENTO

Filme é premiado em festival

Tecnicamente, o filme não apresenta nada de extraordinário. Suas merecidas premiações e, agora, a indicação para representar o Brasil no Oscar, se devem mais ao próprio enredo e à forma simples como é desenvolvido um tema que parece tão banal, mas que é tão complexo na hora de desmistificar certos padrões. Um aspecto também marcante é que a história é atravessada pelas relações humanas sob uma ótica bastante sensível.

A narrativa é bastante linear, não há grandes imprevistos, e o roteiro é, muitas vezes, caricatural. Um caminho arriscado escolhido pela diretora que poderia ter transformado o filme num desastre. No entanto, ela conseguiu ser genial justamente por esses elementos. Alcançou fama internacional e fez de *Que horas ela volta?* um dos maiores sucessos de bilheteria do cinema nacional.

As atuações quase perfeitas de Regina Casé e Camila Márdila são outros destaques da obra. As duas receberam o Prêmio Especial do Júri na categoria de interpretação de cinema mundial no Festival de Sundance de 2015. *Que horas ela volta?* também foi selecionado para o Festival de Berlim 2015 e teve grande entrada nos Estados Unidos.

OPRESSÃO

Prêmio de melhores machistas

"A mulher tem dificuldade de subir no palco, e o homem, de descer dele"

Num debate em Recife, no Cinema da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), após exibição do filme, os cineastas Lírio Ferreira e Cláudio Assis foram atores de cenas de machismo e grosserias. Bêbados, interrompiam o debate o tempo todo. Assis chamou Regina Casé de Gorda e o maquiador de "bichona". O comportamento dos dois causou revolta na plateia.

Anna Muylaert desabafou: "*meu filme está fazendo sucesso lá fora, está nos Estados Unidos. É uma posição que só homem daqui até hoje teve. É um clube exclusivamente masculino. Tem todo um código que até hoje eu não conhecia e estou conhecendo agora*". Muylaret ainda soltou uma frase entalada na garganta de todas as mulheres: "*A mulher tem dificuldade de subir no palco, e o homem, de descer dele*".

Em fato inédito, a fundação puniu Ferreira e Assis. Em nota, a instituição declarou "*que não permitirá qualquer evento envolvendo os dois realizadores, e suas respectivas produções, em qualquer espaço da Fundaj*". A punição vale por um ano.

GENOCÍDIO DO POVO POBRE

Chacinas continuam na grande São Paulo

Quatro jovens entre 16 e 18 anos foram assassinados no último sábado, 19, em Carapicuíba, região da grande São Paulo. Segundo a polícia, nenhum deles tinha passagem pela polícia.

O crime aconteceu em cidade vizinha a Osasco e Barueri, onde 19 pessoas foram mortas no final de agosto. Segundo testemunas, as quatro vítimas foram encontradas ao lado de duas motos que usavam para entregar pizzas.

Cápsulas de munição semelhantes foram encontradas nas duas chacinas. Embora não haja suspeitos, ao que tudo indica, os dois crimes foram cometidos pela própria polícia do estado de São Paulo. Não é a primeira vez que uma tragédia assim acontece. Em 2013, também houve uma chacina na região que terminou com a prisão de quatro policiais.

Os jovens foram enterrados no domingo. Durante o enterro, houve buzinaço e gritos por justiça.

BARBÁRIE NO RIO

Mais uma do Bolsonaro

Cada vez que o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) abre a boca, boa coisa não é de se esperar. Desta vez, o deputado reacionário, machista, racista e homofóbico, fez questão de aglutinar o "xenófobo" a sua lista de qualidades pouco abonadoras. Em entrevista a um jornal de Goiás, Bolsonaro chamou os refugiados que chegam ao país de "escória do mundo".

Falando sobre o pouco efetivo das Forças Armadas, o deputado disse que "é menos gente para fazer frente aos marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e tudo que é escória do mundo que, agora, está chegando, os sírios também". "A escória do mundo está chegando", reafirmou para ninguém entender que ele não se expressou direito.

Bolsonaro, esse sim uma escória da humanidade, reproduz um discurso xenófobo que trata a imigração como um problema entre indivíduos, o que na verdade é um efeito colateral causado pelo capitalismo e a fome, guerra e miséria que advém dele. Mas Bolsonaro é assim mesmo. Fala grosso com os pobres e vulneráveis, mas diante dos ricos diz amém. Por isso vota contra os trabalhadores, atacando o 13°, o PIS e pela liberação das terceirizações no país.

GUARANIS KAIOWÁS

Pistoleiros deixam pelo menos oito feridos no MS

Na madrugada do dia 18 de setembro, uma comunidade de Guarani Kaiowá foi atacada por um grupo de pistoleiros em Iguatemi, no Mato Grosso do Sul. Segundo a liderança Xamiri Nhupoty, que esteve presente na Marcha do dia 18, ao menos 15 pessoas ficaram feridas entre idosos, crianças e mulheres. Segundo a Funai, foram apenas oito feridos.

Há algumas semanas, no dia 29 de agosto, Simão Vilhalva, outra liderança indígena, foi assassinado a mando dos fazendeiros locais. Ainda segundo Xamiri, muitos guaranis-kaiowás sentem medo de viver em suas terras, principalmente por conta da invisibildiade imposta aos conflitos com os fazendeiros por parte da imprensa local.

Entretanto, segundo ela: *"nunca mais vamos voltar para a beira da estrada. Nós preferimos morrer lutando do que voltar para a beira da estrada, morrendo um a um".*

MORADIA

"Estou lutando para dar aos meus filhos uma vida digna"

SANDRA DE MOURA, MÃE DE QUATRO FILHOS, É DIRIGENTE DA OCUPAÇÃO JARDIM DA UNIÃO, NO GRAJAÚ, ZONA SUL DE SÃO PAULO. SANDRA CURSOU ADMINISTRAÇÃO, MAS NÃO CONCLUIU E LAMENTA POR NÃO TER TIDO CONDIÇÕES PARA ISSO. AINDA MUITO CANSADA PELA MANIFESTAÇÃO DO DIA 18, NA AV. PAULISTA, SANDRA EXPLICOU AO OPINIÃO A LUTA POR MORADIA TRAVADA NA OCUPAÇÃO. CONFIRA A ENREVISTA.

Sandra de Moura, mãe de quatro filhos, dirigente da ocupação Jardim da União

Creche Filhos da Luta mantida pelos moradores da ocupação

EMMANUEL OLIVEIRA DA SILVA
DE SÃO PAULO (SP)

Quando começou a ocupação?

Sandra - A ocupação começou após as manifestações de junho de 2013, mas, antes de entrarmos no terreno, fomos despejadosinúmeras vezes.

Fomos despejados do terreno do Itajaí, aqui mesmo no Grajaú. Durante cinco meses, fomos despejados cinco vezes. O último [despejo] foi muito violento. A polícia usou bomba de gás e nos encurralou contra um muro. Tinha crianças, idosos, eles bateram em todo mundo. Fomos obrigados a arrombar um muro com um carro para poder sair. Eles não deixaram tirar os nossos pertences. Saímos de lá sem nada, até nossas roupas foram confiscadas.

Quem são as pessoas que estão na ocupação?

Hoje, somos 800 famílias. Somos trabalhadores da construção civil, empregadas domésticas, trabalhadores de supermercado. Tem, também, pessoas de fábricas, mas são poucas.

Vocês possuem uma creche na ocupação. Como funciona?

Creche é uma dificuldade na região. A maioria das mães ficam aguardando na fila, e não tem vagas. Criamos, então, uma creche comunitária dentro da ocupação que é mantida pelos próprios moradores. Quem trabalha na creche são pessoas da comunidade, e as mães pagam o quanto podem. O dinheiro é dividido entre aquelas que cuidam das crianças.

Vista geral da ocupação

Ocupação Jardim da União reúne, atualmente, 800 famílias

Existem liminares para despejar vocês?

Sim. Eles têm uma liminar, mas falta a ordem de despejo. Estamos com reunião marcada para os próximos dias com a CDHU [Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbana]. Vamos resistir.

Como você veio para a ocupação?

Eu morava em frente a uma ocupação e pagava R$ 700 de aluguel. Não estava conseguindo pagar aluguel, água, luz e manter a casa. Sou cabeleireira de profissão e, se for olhar todas as pessoas que estão nas ocupações, estão aqui pela mesma razão. Estudei administração, mas não pude concluir porque, quando você se dedica à luta pela moradia, não tem tempo para estudar.

Estou lutando para ter uma vida digna, que eu possa manter os meus filhos e dar a eles uma vida digna. Queremos que os nossos filhos tenham educação de qualidade, tenham saúde decente. Quero ter os mesmos direitos dos ricos.

Como é o problema da saúde na ocupação?

Somos muito humilhados nas UBS [Unidades Básicas de Saúde]. Não querem atender porque não temos endereço. O fato de você morar num barraco de madeira não lhe faz diferente de ninguém. Queremos ser tratados com dignidade.

Como resolveram o problema do atendimento nas Unidades Básicas de Saúde?

Tivemos de fazer protesto. Reunimos os companheiros e ocupamos o conselho de saúde. A partir disso, eles foram obrigados a nos atender nas UBS. Mas o atendimento, como é para toda a população, é péssimo. Demora meses para se conseguir ser atendido ou para se fazer um exame.

Mas o prefeito do PT não resolve o problema?

Na verdade, ele não se manifesta. Nós até fizemos uma reunião com ele, que disse que iria ajudar, mas até agora nada.

A ocupação faz parte de outros movimentos?

Sim. Fazemos parte do Luta Popular. O nosso processo está sendo encaminhado pelos companheiros do Luta.

Sua luta se resume à luta pela moradia?

Não. Essa é uma luta importante, mas lutamos também para transformar essa sociedade que só oprime os pobres. Lutamos por uma sociedade socialista aqui mesmo na ocupação. Somos iguais. O que serve para um, serve para todos. E também estou fazendo uma experiência com o PSTU.

Qual a importância da participação dos moradores no ato do da 18?

Foi muito importante, porque foi um ato nacional, foi um ato grande. E, para nós que estamos conhecendo a CSP-Conlutas, nos sentimos muito orgulhosos de participar do ato, além, é claro, do apoio que a CSP vem nos dando. Os movimentos pequenos não têm voz ativa, só os grandes movimentos. Também serviu para divulgar a nossa ocupação e nos unificarmos com outras ocupações.